



Universidades Lusíada

Ferreira, André Barbicas

Subversão : plantando a semente da discórdia na era digital

<http://hdl.handle.net/11067/2502>

<https://doi.org/10.34628/w229-t167>

Metadados

Data de Publicação	2014
Resumo	A concepção clássica de subversão tem enfrentado constantes mudanças ao longo dos tempos, tendo alterado o seu modo de agir e o alvos preferenciais. Passou-se de um combate em campo aberto para uma nova realidade de confronto digital no ciberespaço onde as armas convencionais são subsequentemente substituídas por teclados, códigos-fonte, vírus e "Trojan horses". O modo de fazer e de pensar a Guerra foi alvo de um "update" que veio alargar ainda mais o fosso da assimetria bélica entre Potências....
Palavras Chave	Actividades subversivas, Guerra de informação
Tipo	article
Revisão de Pares	Não
Coleções	[ULL-FCHS] LPIS, n. 11 (2014)

Esta página foi gerada automaticamente em 2024-04-20T02:35:52Z com informação proveniente do Repositório

SUBVERSÃO: PLANTANDO A SEMENTE DA DISCÓRDIA NA ERA DIGITAL

André Barbicas Ferreira
andrebarbicas@icould.com

Resumo: A concepção clássica de subversão tem enfrentado constantes mudanças ao longo dos tempos, tendo alterado o seu modo de agir e o alvos preferenciais.

Passou-se de um combate em campo aberto para uma nova realidade de confronto digital no ciberespaço onde as armas convencionais são subsequentemente substituídas por teclados, códigos-fonte, vírus e *Trojan horses*. O modo de fazer e de pensar a Guerra foi alvo de um *update* que veio alargar ainda mais o fosso da assimetria bélica entre Potências.

Palavras-Chave: Subversão; Ciberespaço; Assimetria Bélica.

Abstract: The classical conception of subversion has faced constant changes over time, altering the way of action and the preferred targets.

It went from a fight in the open field to a new reality of digital confrontation where conventional weapons are subsequently replaced by keyboards, source codes, virus and Trojan horses. The way to do and thinking the war was the target of an update that came further widen the gap between the asymmetry of the states power.

Key-Words: Subversion; Cyberspace; Asymmetric war.

Introdução

No actual modelo de Sistema Internacional no qual a soberania do Estado se encontra constantemente em crise, existe a facilidade e '*campo fértil*' para o crescimento e disseminação da violência internacional não-estatal, fazendo com que a actual concepção de guerra deixe de obdecer à permissa de "*acção recíproca violenta entre dois grupos políticos organizados (governos ou não)*"¹. A violência actual que é permanente, manifesta-se, na sua maioria, numa forma assimétrica, não tendo uma origem clara, pode surgir em qualquer lugar e apresentar um forte cariz subversivo.

Este estudo, intitulado "**Subversão: Plantando a Semente da Discórdia na Era Digital**", sugere logo de início uma 'inquietação' fundamental que tem um inegável interesse: De que forma foram alterados os paradigmas da Guerra e da Subversão para o cenário digital com o surgimento dos *Infosurgents*?

O que é a Subversão?

A *subversão* não tem uma definição estanque, pelo que é possível fazer várias leituras dependendo do caso concreto. Contudo, neste artigo a *subversão* será definida como "*o processo social conducente a uma ruptura, total ou parcial, de uma dada ordem conjuntural e caracterizado pela informalidade ou marginalidade de actuações e pela incompatibilidade de projectos relativamente aos valores e ordem jurídica instituídos, com vista à substituição dessa ordem por outra*"². De maneira mais resumida podemos definir o fenómeno da *subversão* como a 'arte' de criar o caos onde existe ordem.

A temática da *subversão* e a sua consequente teorização não são novas, crê-se que a primeira pessoa a pensar sobre o tema terá sido o filósofo, general e estratega Chinês Sun Tzu que serviu inúmeras côrtes da realeza como conselheiro de estado, e que deixou o seu legado para a história na sua obra – *A Arte da Guerra*.

¹ HUNTINGTON, Samuel P. (1966), *A Luta de Guerrilha*, in *Antologia da Guerra Subversiva*, 1ª Parte, ed., p.1.

² LARA, António de Sousa (2013), *Ciência Política – Estudo da Ordem e da Subversão*, 7ª edição, ISCSP, Lisboa, capítulo 3, ponto 16.2.

Para entendermos o real propósito da subversão podemos dizer que “*a mais alta arte da Guerra é não chegar a lutar*”³, mas subverter qualquer coisa de valor no país-alvo, até ao momento em que a percepção da realidade do adversário é deteriorada ao ponto de não ver no *agente de subversão* um inimigo, e onde o sistema, a civilização e as ambições do referido *agente de subversão* parecem, aos olhos do inimigo, uma alternativa se não desejável, então ao menos factível.

A subversão moderna surge com Osama Bin Laden, caracterizando-se por uma organização militar cujos elementos têm uma proveniência geográfica diversificada, apoiada pela numerosa diáspora que partilha da mesma ideologia ou religião, onde as acções são acompanhadas de perto e com interesse pelos *media* que amplificam involuntariamente o impacto destas acções⁴.

A Subversão a quatro tempos

O fenómeno *subversivo* consiste em quatro períodos temporais. Ao *primeiro* tempo chamaremos de *Desmoralização*, esta leva em média quinze a vinte anos para surtir efeito numa sociedade, isto porque é o tempo considerado suficiente para educar uma ‘geração de mentes’. Este processo inclui técnicas como a *influenciação*, *a infiltração* e *a propaganda*, mas também o contacto directo com áreas de influência como os *media*. É possível fazer um paralelismo entre a *subversão* e o Judo, arte marcial Japonesa que visa a utilização da força do adversário contra ele próprio. Este paralelismo pode ser feito pois um dos problemas decorrentes da subversão é o próprio alvo, ou seja, muitas vezes o alvo traçado é demasiado grande ou demasiado poderoso para uma acção directa. Podemos então recorrer ao Judo para obter a resposta para este problema. O Judo diz-nos que temos de agir de duas formas, primeiro, evitar o golpe directo e depois agarrar o pulso do adversário e acompanhar o seu movimento até que este acabe por embater na parede. Então o que é que aconteceu, o país-alvo fez, obviamente, alguma coisa de errado, numa sociedade livre e democrática existem muitos grupos e movimentos diferentes (*criminosos, inconformados políticos, inimigos do sistema, entre outros*) que partilham uma premissa comum: São contra o sistema. Finalmente, existe também um pequeno grupo de agentes de uma nação estrangeira, comprados, subvertidos, recrutados e adormecidos que quando se apercebem que todos os diferentes grupos e movimentos se direccionam no mesmo sentido, agarram o “pulso” e continuam e até exacerbam o embate até que este force a sociedade inteira e a leve ao colapso e à crise. Existem quatro sectores-chave que podem e devem ser trabalhados pelos *agentes da subversão* para melhor servirem o seu propósito – *religião, educação, vida social e estruturas de poder*. Na *religião* os agentes procuram destruir, abalar e ridicularizar

³ TZU, Sun, Griffith, Samuel B. (1971), *The Art of War*, Oxford University Press.

⁴ MACKINLAY, John, *Globalisation and Insurgency*. Adelphi Paper 352. Oxford: Oxford University Press, 2002, p15

os pilares ideológico-religiosos em vigor alterando-os por várias seitas ou cultos infames, ou seja, fazer com que o dogma vigente seja erodido de forma lenta e cuidada, afastando-o do seu principal objectivo – *manter as pessoas em contacto com um Ser Supremo*.

Assim sendo, substitui-se as organizações religiosas aceites e respeitadas, por organizações falsas, dúbias e com má reputação.

Na *educação* o agente procurará fazer com que os programas educativos sejam completamente colocados de parte, sendo substituídos pela educação em história de um qualquer conflito urbano, alimentação biológica, ou técnicas e táticas de sobrevivência, em suma, ensinar tudo menos aquilo que vem nos programas das escolas. Isto preparará de forma subtil as ‘mentes jovens’ para as duas etapas finais do processo de subversão. A *vida social* é outro factor-chave que não pode ser descurado aquando da preparação do processo de subversão, e neste campo o que se procurará é a transformação das instituições e organizações normalmente aceites e tradicionalmente estabelecidas por outras de cariz burocrático e falso que se encontram na ‘*folha de pagamento*’ do Estado subversivo e que, em última análise, levará ao descontentamento social. Por último mas não menos importante temos as *estruturas de poder*. Os órgãos de poder administrativo que tradicionalmente vêm a sua eleição feita pelo povo ou indicados pelos líderes eleitos pela sociedade são substituídos por órgãos artificiais que contam com pessoas e grupos de pessoas não-eleitas democraticamente que não reúnem consenso social e onde ninguém lhes reconhece capacidade ou qualificações para exercer os referidos cargos. Isto faz com que a estrutura do poder seja lentamente erodida por estes órgãos e grupos de pessoas que não têm qualificações nem comungam da simpatia e confiança social, mas que mesmo assim detêm o poder.

O *segundo* tempo da subversão é denominado por *Desestabilização*, o nome diz tudo.

Nesta etapa o que se procura fazer é destabilizar e desacreditar todas as instituições e organizações do país-alvo. Isto faz-se por via da radicalização das relações humanas, ou seja, cria-se uma luta constante entre os vários níveis sociais e profissionais de uma sociedade ,exemplo disso são as relações na esfera económica entre empregados e entidade patronal que passam a ser mais radicalizadas e menos ordeiras, ou seja, começa a existir uma inversão da *Teoria Z*⁵ que advoga que os trabalhadores ao estarem envolvidos nos processos de decisão ao mesmo nível que os gestores e quando existe um sistema de recompensas e de incentivos eficazes não existe , por parte dos trabalhadores, uma vontade ou um propósito para lutar contra os seus empregadores. Esta teoria defende também que os gestores devem dar o exemplo dos valores que os funcionários devem seguir, afirmando que existem três fatores críticos de sucesso para qualquer sistema de gestão: a confiança, a solidariedade e a intimidade. Existe por isso uma inversão deliberada deste presuposto.

⁵ OUCHI, William G. (1981), *Theory Z*, 1st Edition, Ed: Avon Books, New York

Um dos factores mais importantes e que, em última análise é a garantia do sucesso deste segundo tempo de acção são, os *agentes subversivos*⁶ que acabam por se tornar líderes do processo de desestabilização, que muitas vezes é um cidadão nacional respeitado pela sua comunidade e que recebe um ‘incentivo financeiro’ constante por parte do *país-subversor* para financiar a sua luta legítima a favor, por exemplo, dos direitos das mulheres, dos direitos humanos, ou do direito à informação. Ao *terceiro* tempo denominaremos de *Crise*, e aqui uma vez mais o nome é auto-explicativo do conceito. Com este efeito o que é procurado é a continuação dos processos de desmoralização e de desestabilização, mas de uma forma mais cirúrgica e até beligerante, uma vez que uma das melhores formas de iniciar um processo de crise passa pelo apoio a uma revolução popular.

A crise assume contornos facilmente moldáveis à situação e à pretensão tida, ou seja, este terceiro tempo consegue ser utilizado em, virtualmente, todos os campos da sociedade: economia, sociedade civil, política.

No caso dos Estados em desenvolvimento o processo começa quando os órgãos socialmente e democraticamente eleitos são afastados e impedidos de executar as suas funções vendo-se substituídos por uma estrutura implantada artificialmente, um exemplo disso foi o que sucedeu no Irão em 1979 quando de um dia para o outro surgiram Comitês Revolucionários quando ainda não existia nenhuma revolução, contudo já se tinham auto-legitimado a exercer o poder judicial, legislativo e executivo.

A *crise* atinge o seu pináculo quando a sociedade não consegue ser produtivamente activa, o que leva ao surgimento de um ‘*síndrome*’ bastante comum neste tipo de situações, o *messianismo*, ou seja, a procura constante por um ‘salvador da pátria’ que venha resgatar o país do estado em que se encontra.

Os grupos religiosos procuram pelos sinais da chegada do ‘*Salvador*’, enquanto que os trabalhadores e o resto da sociedade-civil culpam o governo em vigência pela sua inoperância e exigem um novo governo, mais forte e mais ‘honesto’.

Estando a *crise* instalada segue-se a quarta e última fase do processo de subversão à qual denominaremos por *Normalização*, o que até parece um pouco irreal e atentatório à dita coerência.

Nesta última fase não existe a necessidade de uma revolução ou de nenhum tipo de radicalismo, já todos (i.e. agentes subversivos e sociedade civil) cumpriram o seu papel pelo que podem ser eliminados socialmente ou até mesmo fisicamente, como aconteceu no passado com as ‘famosas’ Purgas de Stalin, ou até mesmo com o ocorrido no Afeganistão onde Taraki, Amin e Karmal se mataram sucessivamente após ‘cumprirem a sua função’, o primeiro foi o desmoralizador do país, o segundo foi o desestabilizador e o último mergulhou o país numa crise profunda.

Esta eliminação ocorre pois os novos governantes precisam de estabilidade para ganharem a confiança da sociedade e com isso capitalizar.

⁶ *Sleeper Agent* (versão inglesa)

Do Golpe de Estado aos *Infosurgents*

Ao longo dos tempos o Golpe de Estado têm sido uma das formas mais recorrentes de subversão. Esta *praxis* de eliminação da ordem estabelecida, e de subsequente alteração dos paradigmas governativos, parte de uma agitação das bases da sociedade-civil, que pretendem com o seu acto transformar o sistema e estabelecer uma nova ordem político-económico-social.

Os princípios fundamentais que caracterizam os Golpes de Estado têm no seu âmago elementos que o diferenciam de uma revolução ou de uma guerra convencionada assim, o golpe distingue-se por ter um carácter marcadamente militar, pela sua brevidade temporal (acção de duração tendencialmente curta), e pela necessária mudança de governo resultante do conflito.

Dada a sua, quase sempre, eficácia, e devido às condições gerais em que tende a desenrolar-se, é possível compreender como um fenómeno que tem tido espaço real em muitos países do mundo, nomeadamente na América Latina, no Continente Africano e, mais recentemente, num número muito considerável de países Islâmicos.

Na origem de um golpe de Estado está uma situação onde uma minoria intervém de maneira a derrubar súbitamente e rapidamente o governo em vigência de funções de um determinado país, recorrendo a métodos de coacção, coerção, e até mesmo à violência declarada para o conseguir. Aqui, o sistema de actuação passa pela rápida intervenção dos *agentes subversivos*, que seguem uma *praxis* que consiste em cercar os edifícios de representação do poder, como as Sedes Governamentais, ou os Ministérios, de maneira a se apoderarem dos respectivos representantes do executivo, ficando, assim, em posição para os prender, exilar, ou mesmo executar como ocorreu a 11 de Setembro de 1973 no Chile⁷. Este cenário tem-se verificado sobretudo nos países em desenvolvimento, principalmente a partir da primeira metade do século XX, estando no seu *core* o 'galopante' nível de descontentamento social e instabilidade política existente, o que leva à existência de 'terreno fértil' para este tipo de ocorrências.

Existem vários meios de subversão a modo de ofensiva de um país a outro, mas o golpe de Estado, ou utilizando a sua denominação internacional - *coup d'état*, é desde o início do Período Moderno, o mais comum. É então possível compreender que o conceito de golpe de Estado foi criado após a quebra dos padrões sociais causada pela Revolução Francesa de 1789, que mais tarde deu origem à subida ao poder do Imperador Napoleão Bonaparte após 09 de Novembro de 1799⁸, sendo este considerado o primeiro golpe de Estado do modelo moderno⁹.

⁷ No caso Chileno as forças revolucionárias, bombardearam o Palácio Presidencial matando todos os ocupantes.

⁸ Também conhecido como o 18 de Brumário.

⁹ HOBBSAWM, Eric J., A Revolução Francesa, Ed. Paz e Terra, 1996.

Igualmente comuns são golpes de Estado que fracassam, os também conhecidos por "*putches*"¹⁰ cujas causas variam de caso para caso, da forma em que um país se encontra, ou da maneira como o próprio golpe foi efectuado.

Um dos mais famosos exemplos de um golpe falhado ocorreu no dia 09 de Novembro em Munique (Alemanha) onde Adolf Hitler, lidera um golpe contra o governo da Baviera que tem como resultado na sua prisão e na de todos os que nele participaram.

Outro caso célebre de revés ocorreu a 21 de Agosto de 1991 com a tentativa de golpe da linha dura comunista contra o líder soviético Mikhail Gorbachev. A 18 de Agosto, os líderes do golpe, críticos acérrimos relativamente às reformas liberais praticadas por Gorbachev - *Glasnot* - reformas políticas, e *Perestroika* - reformas económicas - prenderam-no afirmando que se encontrava doente e incapaz de exercer a sua governação, desta forma, os conspiradores tentaram injectar um governo fabricado, contudo não detiveram o Presidente russo eleito popularmente, Boris Yeltsin, que reuniu a oposição ao golpe na Duma e, depois de um confronto tenso, o exército colocou-se do lado de Yeltsin fazendo o golpe cair por terra. Mikhail Gorbachev reconheceu a nova autoridade de Yeltsin e o Partido comunista foi dissolvido. Consequentemente foi concedida a independência aos '*Estados-Satélite*' e, em 1992, a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) deixou de existir¹¹.

Com estes dois exemplos é então possível compreender que apesar de o golpe de estado ser o meio predilecto em *subversão* não é possível dizer que é o mais eficaz, aliás, o paradigma da guerra tem vindo a sofrer uma metamorfose ao longo dos séculos, isto porque o processo social vigente é *irregular, caótico e desigual*¹² o que para autores como Chris Berzins e Cullen Patrick¹³ significa que o mundo está neste momento numa fase de neo-medievalismo, que favorece o falhanço dos Estados e o surgimento de uma nova vaga de violência internacional não-estatal onde passou a haver uma desmilitarização do conflito, no sentido em que os objectivos civis e militares não são distinguíveis e o resultado é a violência generalizada que se espalha a todos os domínios da vida social.

Infosurgents: Uma nova ameaça

O desenvolvimento social provocou uma alteração no modo de acção dos grupos subversivos que abandonaram, parcialmente, o combate físico e as armas convencionais para agora recorrerem às novas tecnologias de informação e comunicação disponíveis, daí ter surgido o termo *Infosurgents*¹⁴

¹⁰ Termo alemão que significa 'empurrão'.

¹¹ KISSINGER, Henry, *Diplomacia*, capítulo 30. Pág. 666-702. Ed. Gradiva, Lisboa 2007.

¹² CREVELD, Martin Van, *La Transformation de la Guerre*, Paris: Éditions du Rocher, 1998, p.249

¹³ BERZINS, Chris, PATRICK, Cullen, "Terrorism and neo-medievalism", *Civil Wars*. Vol 6:2 (summer edition) 2003, pp.8-23

¹⁴ KIRAS, James, "Terrorism and irregular warfare", BAYLIS, John, in *Strategy in the contemporary*

Um dos exemplos do poder desta nova forma de fazer a guerra foram os ataques dirigidos à Estónia em 2007, que mostraram como uma economia e os seus serviços públicos na era digital podem sofrer graves anomalias de funcionamento ou até ficarem temporariamente indisponíveis. Por sua vez, na Guerra da Ossétia que opôs as forças Georgianas às forças separatistas da Ossétia apoiadas pela Federação Russa, paralelamente às ações militares no terreno, os portais governamentais da Geórgia e de inúmeras empresas públicas e privadas foram alvo de ciberataques, abrindo-se um novo campo de batalha no conflito. Os danos¹⁵ causados no Programa Nuclear Iraniano tornados públicos em 2010, devido ao vírus Stuxnet¹⁶, evidenciaram as múltiplas potencialidades que o uso de ciberarmas¹⁷ para os meios militares e para a segurança. Naturalmente que as maiores e mais sofisticadas economias têm uma particular preocupação com este assunto, devido à crescente dependência da sua prosperidade face à tecnologia digital e às redes informáticas, todavia, as ações para prevenir e punir ciberataques estão longe de obter consenso internacional, isto ocorre não só pela complexidade técnica e jurídica das questões levantadas, como também porque o uso de ciberarmas pode ser uma opção interessante, de guerra assimétrica, para vários países. Este novo campo de batalha vem ao encontro do que Thomas Hobbes denominou de um estado de natureza – uma *'guerra de cada homem contra cada homem'*¹⁸.

Todavia, em matéria de proteção e segurança das infraestruturas críticas o papel dos governos torna-se complicado quando a maioria das infraestruturas críticas está nas mãos de empresas privadas. O problema tende a ser mais complexo, e a vulnerabilidade potencialmente maior, quando as infraestruturas críticas nacionais são detidas numa percentagem significativa por capitais estrangeiros.

Conclusão

O fenómeno da subversão obedece a uma estratégia de plenitude global que visa sempre *uma acção violenta e ilegal com o objectivo da destruição de uma determinada ordem política vigente e a sua substituição por outra*¹⁹, contudo o paradigma da guerra tem vindo a alterar ao longo dos séculos, a seu tempo o combate directo num campo de batalha aberto com armas convencionais deixara

world. An introduction to strategic studies. Nova Iorque: Oxford University Press, 2002, p.226-228

¹⁵ Estima-se que este ataque fez recuar em 10 anos os avanços Iranianos no sector nuclear.

¹⁶ Tendo sido descoberto em 2010 por uma empresa Bielorrussa de ciber-segurança é tido como o primeiro vírus criado apenas com o propósito de recolher informações de estruturas empresariais críticas como fábricas de enriquecimento de urânio.

¹⁷ Vírus informáticos

¹⁸ Hobbes, Thomas. "Of Man, Being the First Part of Leviathan." Vol. XXXIV, Part 5. The Harvard Classics. New York: P.F. Collier & Son, 1909-14; Bartleby.com, 2001

¹⁹ LARA, António de Sousa (2011), Subversão e Guerra Fria, ISCSP, Lisboa, capítulo 3.1

de fazer sentido, substituindo-os pelo ciberespaço e pelas ciberarmas. É então possível compreender a alteração de paradigmas que a subversão e a guerra têm vindo a ser alvo fazendo a comparação com um camaleão, que modifica um pouco o seu ser e adapta-se a cada caso concreto²⁰.

Com a análise feita é possível também constatar que o processo subversivo é metódico, calculista e organizado, tendo os agentes subversivos uma clara ideia da acção e dos métodos que melhor se adaptam ao 'teatro' de operações, com o objectivo último de mudar o sistema em que se inserem e que procuram atingir.

Apesar de existirem uma panóplia de formas de acção subversiva, diferem entre si sobretudo na sua organização e tipologia que vai ficando cada vez mais complexa na forma de recrutamento que passa de uma simples necessidade individual de sobrevivência até uma vontade conjunta com motivações político-religiosas.

Como *common ground* estas tipologias apresentam a vontade de domínio sobre uma forma de Estado que não consideram capaz ou legítima de governar, desafiando esse poder instituído e procurando a afirmação de uma forma alternativa de poder, sendo que a subversão global não procura a tomada do poder *per se* mas antes a disseminação de uma forma de governação. O que é estimulante no estudo dos conflitos subversivos é a sua dinâmica e a forma camaleónica que assumem uma vez que variam de caso para caso, contudo e apesar das especificidades de caso, na acção subversiva existe um método que nunca é abandonado, o factor surpresa, que é transversal e permanente na história do Homem.

Bibliografia e Fontes

Monografias

- HUNTINGTON, Samuel P. (1966), A Luta de Guerrilha, *in* Antologia da Guerra Subversiva, 1ª Parte, ed., p.1.
- LARA, António de Sousa (2013), Ciência Política - Estudo da Ordem e da Subversão, 7ª edição, ISCSP, Lisboa, capítulo 3, ponto 16.2.
- TZU, Sun, Griffith, Samuel B. (1971), *The Art of War*, Oxford University Press.
- MACKINLAY, John, Globalisation and Insurgency. Adelphi Paper 352. Oxford: Oxford University Press, 2002.p15
- OUCHI, William G. (1981), *Theory Z*, 1ª Edição, Ed: Avon Books, New York
- HOBSBAWM, Eric J., *A Revolução Francesa*, Ed. Paz e Terra, 1996.
- KISSINGER, Henry, *Diplomacia*, capítulo 30. Pág. 666-702. Ed. Gradiva, Lisboa 2007.
- CREVELD, Martin Van, *La Transformation de la Guerre*, Paris: Éditions du Rocher, 1998, p.249

²⁰ CLAUSEWITZ, Carl Von, *Da Guerra*. Lisboa: Ed. Perspectivas e Realidades, 1977, p.89-90

- BERZINS**, Chris, **PATRICK** ,Cullen, "Terrorism and neo-medievalism", *Civil Wars*. Vol 6:2 (summer edition) 2003,pp.8-23
- KIRAS**, James, "Terrorism and irregular warfare", **BAYLIS**, John, *in Strategy in the contemporary world. An introduction to strategic studies*. Nova Iorque: Oxford University Press, 2002, p.226-228
- HOBBS**, Thomas. "*Of Man, Being the First Part of Leviathan.*" Vol. XXXIV, Part 5. The Harvard Classics. New York: P.F. Collier & Son, 1909-14;2001.
- LARA**, António de Sousa (2011), *Subversão e Guerra Fria*, ISCSP, Lisboa, capítulo 3.1
- CLAUSEWITZ**, Carl Von, *Da Guerra*. Lisboa: Ed. Perspectivas e Realidades, 1977, p.89-90.